

Palestina foi um africano.

A coisa marcante é como a Igreja ocidental se precipita na conclusão de que a cor da pele do etíope é uma coisa nova! Os hebreus e israelitas conviviam há milênios com africanos, até casaram e criaram filhos com eles; José e Moisés são dois exemplos bem óbvios. Então o povo santo de Israel foi um povo de sangue africano com raízes culturais africanas, tão profundas quanto as raízes mesopotâmicas e quanto as raízes na Terra Santa.

Isso nos leva a uma segunda pergunta. Por que o retrato de Jesus com cabelos loiros e olhos azuis é historicamente errado? Bem, o povo bíblico, o povo santo, era um povo de origens afro-asiáticas ou cuxito-semítica. Na linguagem, na cultura, no comércio e na política, este povo se situa com os africanos e os babilônios e assírios. Estes povos são povos negros e marrons. Às vezes é colocado que os egípcios, de fato, não foram africanos. Isto é um absurdo! É importante lembrar que os egípcios foram muitos povos. O faraós e as suas dinastias provêm de várias partes da África do Norte, além do vale do Nilo: Líbia e Etiópia entre outras regiões.

Então, qualquer pessoa israelita judeu ou judia, na época bíblica, podia ser negra ou morena. Os europeus chegaram a participar da história sagrada bem mais tarde. Os filisteus (povos do mar) chegaram como inimigos que permaneciam contidos na costa meridional na Idade do Ferro; somente no fim da época veterotestamentária chegaram os gregos; e, na época intertestamental, os romanos assumiram os territórios que anteriormente

eram dominados pelos gregos. Nos três casos, a animosidade era grande e, antes dos escritos de Paulo, encontramos pouca abertura para laços familiares com estes povos de fora. Seria muito improvável que alguém da linha de Davi pudesse ser de um desses povos claros.

VIII EPA: uma viagem ecumênica Lurdilene da Silva

Nos dias 04 a 08 de setembro, aconteceu em Salvador - Bahia, o VIII EPA (Encontro de Pastoral Afro-Americana), sobre o tema: **Comunidades Negras: Solidariedade e Alternativas**. Encontro este, que tive o privilégio de participar devido ao apoio recebido de todo o grupo de negros/as da Escola Superior de Teologia.

Neste encontro, participaram delegações de vários países da América Latina, além de padres, seminaristas e leigos/as da Igreja Católica.

O encontro proporcionou muitas alegrias através das celebrações afros, com uma enorme riqueza litúrgica. Proporcionou reflexão através de palestras como a do Deputado Federal pelo PT - RS Paulo Paim, que tratou o assunto: As Comunidades Negras na Atual Conjuntura Mundial; Sueli Carneiro, que falou sobre Estratégias de Combate ao Racismo em campos que discriminam como: trabalho, educação, justiça e direitos, mulher negra, comunicação e cultura. Encerrando esta parte de palestras, Dom José Maria Pires empolgou a todos/as com o tema: Globalizar a Solidariedade.

Houve muitas trocas de experiên-

cias entre os países participantes e entre os grupos de interesses, onde cada um/a relatou a experiência de seu trabalho com o povo negro.

Também houve espaço para nos unirmos ao povo baiano nas ruas, orando pela paz e pedindo o fim da exclusão no dia nacional do grito dos excluídos. Foi uma semana de muita aprendizagem para mim. Por um instante senti-me como um peixe fora d'água, pois no grupo de interesse, do qual participei, tivemos que nos apresentar: dizer o nome, de onde vem, religião e trabalho que desenvolvia junto à comunidade negra. À medida em que ouvia os relatos de experiências dos trabalhos, ficava pensando: o que estou fazendo aqui? Não tenho nenhuma experiência em relatar sobre trabalho realizado. Meu objetivo era conhecer e aprender com estas pessoas ali reunidas, para um futuro trabalho pastoral com formação de uma comunidade negra.

Assim, criei coragem para apresentar-me ao grupo: sou luterana (isso causou surpresa em algumas pessoas) estudo Teologia (queriam saber se ia ser freira). Na Igreja Luterana não há nenhum trabalho específico com comunidades negras. Há muitos trabalhos sociais, mas nenhum direcionado exclusivamente ao povo negro.

A partir daí muitos queriam falar comigo sobre a Igreja Luterana. Eu não era mais uma católica no meio do povo: eu era a luterana. Muitas pessoas chegaram até mim querendo saber mais da Igreja Luterana, e outras, comentando sua visão da Igreja Luterana - igreja de ricos e brancos.

Infelizmente a Igreja Luterana ainda carregará está imagem por um longo tempo. Penso que cabe a nós, futuros pastores e futuras pastoras, tentar chegar a este povo que constitui 50% da população brasileira.

Somos Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. É hora de co-

meçarmos a mudar a imagem de igreja alemã e de classe média alta que está enraizada na tradição luterana no Brasil e passarmos a ser uma Igreja sem racismo e sem preconceitos.

ESPÍRITO DE LIBERDADE Günter Bayerl Padilha

Arrancados do coração africano
Em lágrimas nos porões negreiros
Viram no horizonte o fim,
Nos cais do mundo novo o inferno.
 Mercadorias vendidas em leilão,
 Engenho, doloroso e cruel destino.
 Onde, transformados em animais,
 Trabalhavam ao ritmo do açoite.
Povo forte e valente não se dobra.
Na senzala viram na dança e tambores
A esperança nascer como a aurora,
Que pelo brilho do sol, finda a noite.
 Quilombos fonte de vida nova
 Transformada pela resistência,
 Brotada da força e fé negra
 Na esperança de viver em liberdade
Capoeira, cores, samba e batuque
Cultura negra de resistência.
Moda de uma nova sociedade que aprendeu
Mover o corpo com a nação Negra.
 Nação negra voa como gaiivota
 Sobre o mar símbolo de liberdade
 Estrelas no céu, prêmio pela luta
 Por igualdade e respeito.
Vento que é força negra
Na valorização de suas raízes
Canta, chora, grita e dança
Nas asas da liberdade.